

RESENHA

**O ENSINO DE HISTÓRIA DA CONTEMPORANEIDADE:
UMA LEITURA DIALÓGICA***O ensino de história da contemporaneidade: uma leitura dialógica*

Thamar Kalil de Campos Alves*

SILVA, M.; FONSECA, S. G. *Ensinar História no século XXI: em busca do tempo entendido*. Campinas: Papyrus, 2007.

O livro *Ensinar História no século XXI: em busca do tempo entendido*, publicado pela editora Papyrus, na coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico, possui 144 páginas. É uma obra conjunta de dois docentes com larga experiência na pesquisa, autores referenciais no campo da História e do ensino de história: Marcos Silva, livre-docente em Metodologia da História, doutor e mestre em História Social pela FFLCH/USP, pós-doutor pela Universidade de Paris III e Selva Guimarães Fonseca mestra e doutora pela Universidade de São Paulo e pós-doutora pela UNICAMP, coordenadora e professora do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia.

Ensinar História no século XXI: em busca do tempo entendido está organizado de uma maneira que possibilita uma leitura dialógica. A obra apresenta reflexões contextualizadas acerca do ensino de História na contemporaneidade, mais especificamente no Brasil. Dessa maneira, o texto está organizado em seis capítulos.

O primeiro capítulo, *Entre a formação básica e a pesquisa acadêmica* apresenta uma reflexão sobre o “entre”, o lugar de fronteira, a formação profissional de história e os desdobramentos para os vários níveis de ensino e pesquisa. Os autores estabelecem um diálogo entre História, Educação e as atividades da Educação básica e atividades acadêmicas, além disso, reconhecem o ensino de História como um lugar de fronteira. Sendo assim, as reflexões se incidem sobre as relações entre a formação e a pesquisa.

Os autores apresentam um breve histórico a respeito do posicionamento sócio político cultural docente e suas lutas em diferentes épocas. Lutas, embates que são constituintes do processo formativo, da identidade profissional. Relembra os movimentos da década de 1980, no contexto das lutas pelo fim da ditadura civil militar, a participação dos professores e de alunos no processo de redemocratização. Percorrem as mobilizações dos docentes de História no quadro da globalização e do neoliberalismo dos anos de 1990, bem como o impacto desses cenários para a formação e identidade docente.

Nesse sentido, analisam a formação docente como uma face de um prisma que inclui História, Educação, profissionalização e identidade em um determinado espaço

* Universidade Federal de Uberlândia. Contato: welltha@ig.com.br

e tempo. O espaço do entre – lugares, espaços e campos constituídos e em construção, em que passado e presente se confluem, juntamente com tensões, buscas, encontros, reflexões.

A partir dessas considerações, Silva e Fonseca reiteram uma posição política, pedagógica e científica: a necessidade de ouvir, interpretar, ressignificar as experiências dos professores de História, nos vários ambientes formativos que constituem o ser professor de História no Brasil.

No segundo capítulo, *Tudo é história: o que ensinar no mundo multicultural?*, os autores discutem aspectos significativos de como ensinar História e do currículo no século XXI. Levantam, logo no início do texto, questões pertinentes tais como, o que fazem os historiadores quando ensinam História? Como se dá a escolha dos temas, fontes, mediações da temporalidade? De qual passado é ensinado às crianças e aos jovens brasileiros?

No decorrer do capítulo os questionamentos apresentados são desenvolvidos, principalmente esclarecendo a inexistência da neutralidade do currículo, bem como da História, pois o currículo é localizado historicamente em um tempo e um espaço social específico, pois possui em sua abstração uma concretude e constitui um campo onde se expressam relações de saber e poder.

Nesse sentido, Silva e Fonseca localizam o espaço-tempo, a atual sociedade brasileira, no contexto da mundialização do capital e nas contradições, sejam geográficas, culturais, sociais e diversidades, a multiplicidade, o multiculturalismo, pensado como diferença. Os autores ressaltam que se difere de um elemento de negação das desigualdades, mas de reconhecimento das lutas, combates, de grupos como negros, mulheres, homossexuais.

De acordo com essa perspectiva, o multiculturalismo crítico e revolucionário é mais do que um conteúdo escolar, mas uma forma de se colocar no mundo. E, pensar na proposta curricular multicultural é pensar em um construto que deve ir além dos limites de políticas de reformulações das diretrizes. Mas de políticas de formação docente, da práxis reflexiva cotidiana de professores, em especial, de História da atual sociedade brasileira, do século XXI, e todo o legado que esses possuem, suas experiências e vivências.

Em *Materialidades da experiência e materiais de ensino e aprendizagem*, terceiro capítulo, Silva e Fonseca apresentam uma discussão a respeito da cultura material e as relações dessa com a metodologia e o ensino de História.

Na metodologia da História, a cultura material está presente desde meados do século XIX. Por exemplo, no livro de Engels – *A situação da classe trabalhadora em Inglaterra*, e de Marx – *O capital*. Marx e Engels abordam o cotidiano, considerando o tempo como o presente vivido do homem comum, as relações de poder do seu entorno, as condições de moradia, de vestimenta, de alimentação e trabalho e como os bens necessários para sobreviver se tornam mercadoria, é parte de suas análises que buscam a superação do capitalismo. Deste modo, compreendem a história a partir da sua base material, o que se conhece por materialismo histórico.

Silva e Fonseca discorrem a respeito da pesquisa com base na cultura material, durante o século XX, na França e Inglaterra. No século XX, na França, com a “Escola

dos *Annales*” e da revista *Annales*, historiadores como Lucien Febvre e Marc Bloch propõem em seus escritos ampliar o conceito de História e conseqüentemente a pesquisa, introduzindo novos problemas e novos objetos. Posteriormente, a partir da década de 1970, na tradição da historiografia francesa, girando em torno da revista *Annales*, Jacques Le Goff e Pierre Nora reforçam as questões fundamentadas na cultura material desenvolvidas pelos organizadores iniciais da “Escola dos *Annales*”. De acordo com Silva e Fonseca, na historiografia inglesa, há também pesquisas embasadas na cultura material com elementos marxistas, porém sem as teses anticapitalistas.

No ensino de História, a dimensão de algumas manifestações culturais, que são imateriais, deve ser considerada tanto quanto as materiais, pois são práticas culturais decorrentes do fazer humano. Os museus, que se destacam no ensino de História, devem ser estudados, visitados com um olhar crítico dialógico, contextualizado. Deve ser contemplado, segundo eles, inclusive o que se faz ausente; o porquê do esquecimento de determinado objeto; quem os produziu; em quais as condições de trabalho; ou quais, os grupos sociais tinham acesso aos objetos expostos; de qual tempo; o que permanece; o que tenciona; o que se rompeu e o que precisa ser transformado. Esses são alguns questionamentos possíveis no estudo dos museus no ensino de História.

Assim, os autores analisam como campo do conhecimento histórico, museus nacionais e internacionais de grande e pequeno porte, com ênfase no Museu do Ipiranga em São Paulo e o Museu Histórico Aurélio Dolabela em Santa Luzia, MG. Os museus pensados como espaços de reflexão, de ressignificação, do coletivo, do patrimônio, de preservação, espaços de materialidade de imaterialidades de objetos; espaços onde coexistem “dimensões imaginárias da materialidade e a dimensões materiais do imaginário” (SILVA & FONSECA, 2007, p. 88).

O quarto capítulo, *Imaginários e representações no ensino de História*, apresenta reflexões sobre duas obras: o filme de Eduardo Coutinho: *Cabra marcado para morrer* e o texto de João Cabral: *Morte e Vida Severina*. Segundo os autores, a possibilidade de se utilizar além desses, outros “documentos e sensibilidades” (SILVA & FONSECA, 2007:93), cabe ao professor no trabalho de mediação, a seleção para a leitura histórica, o conhecimento e o ensino.

No quinto capítulo, *A sala de aula e o espaço virtual*, Silva e Fonseca analisam como a informática transforma a comunicação entre as pessoas, bem como o armazenamento da informação e, dentro desse contexto, a pesquisa em História e o ensino. A informática viabiliza o acesso e difusão de órgãos, documentos, espaços. Contudo, ressaltam que o computador é instrumento que não produz reflexões críticas, logo não se configura como um portador de saberes inquestionáveis em suas informações.

Silva e Fonseca no último capítulo intitulado *Conclusões e perspectivas* apresentam uma visão panorâmica das reflexões produzidas no decorrer do livro.

No caso do ensino de História, tantas décadas de debate permitiram um alargamento infinito de temas e materiais para sua realização, em consonância com a pesquisa histórica num passeio pelas ruas, numa visita a um terreiro de candomblé ou numa partida de futebol, para não falar em museus, arquivos, cinemas, teatros e similares. Agora, precisamos garantir que sujeitos e recursos

clássicos de seus estudos estejam aliados a essa liberdade: professores, salas de aula e de leitura, bibliotecas (SILVA & FONSECA, 2007: 130)

Sendo assim, a obra de linguagem simples e agradável constitui uma reflexão sobre a complexidade do ensino de História para todos aqueles que, de uma forma ou de outra, desejam compreender tanto as questões relacionadas com o campo da educação e da História.

Nesse sentido, essa obra é de fundamental importância para nos localizarmos no tempo e espaço em que vivemos e entender o ensino de História no contexto de mundialização do século XXI.

Ela se destina aos professores dos vários níveis de ensino, em distintas modalidades, em especial aos professores e discentes de História, bem como estudantes do campo das Ciências Sociais.

Além disso, a obra apresenta também questões a respeito da formação e identidade docente, do como ensinar, do que ensinar, de qual tempo, de qual passado, das possibilidades de trabalho com a cultura material e imaterial no ensino de História, as múltiplas práticas culturais da atualidade e a da utilização da informática. É imprescindível, a meu ver, para o entendimento de questões curriculares, de relações de saber e poder, de possibilidades de construção de maneiras de ensinar, comprometida com a perspectiva do multiculturalismo ético e revolucionário. Portanto, os autores nos trazem o entendimento que o encontro só se faz na busca. Daí a importância da *Busca do tempo entendido*, da práxis, da vivência, de tensões, de continuidades, de reflexões e de transformações no tempo vivido, em que dialogam o passado e o presente do *Ensinar História no Século XXI*.

Recebido em março de 2008

Aprovado em junho de 2008